

# DETERMINAÇÃO DO TEMA DE PESQUISA

*Anna Maria Marques Cintra*  
*Pesquisadora do IBICT*

"Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a miséria da existência humana".  
Brecht

Decidir sobre um tema de pesquisa é tarefa relativamente fácil para quem está envolvido numa determinada área. Entretanto aquele que se inicia na vida científica tem de suportar o conflito entre a aquisição de novos conhecimentos e os prazos acadêmicos. Em muitos casos falta tempo e experiência para uma boa opção.

Na tentativa de encontrar coordenadas que nos dêem a dimensão do problema, faremos algumas reflexões sobre ciência e pesquisa científica.

O procedimento científico, segundo Nagel<sup>1</sup>, orienta-se, simultaneamente por três princípios: o controle prático da Natureza, o conhecimento sistemático e seguro dos fatos e um método próprio.

Sem muito esforço, podemos imaginar que o controle prático da Natureza leva ao avanço tecnológico e a uma melhoria das condições de vida, embora com o risco de ser o cientista tomado como uma espécie de feiticeiro.

Em virtude da complexidade do Universo, cabe ao cientista encontrar formas para organizar o conhecimento, para descobrir os fenômenos. E isto é feito através de raciocínio sistemático.

Os fenômenos a serem estudados para controle devem ser submetidos a uma metodologia bem definida, que corresponde a um caminho delineado para a execução de uma pesquisa.

## RESUMO

*A escolha de um tema de pesquisa depende dos valores do pesquisador, de sua relação com o universo. Em qualquer nível, a pesquisa exige independência, criatividade e a integração do tema no dia a dia do pesquisador. Os guias para pesquisas auxiliam na parte forma/. Entretanto não existe e é pouco provável que venha a existir um método que permita a reconstrução lógica de novas idéias.*

*Descritores.-Pesquisa científica; Determinação do tema de pesquisa.*

Paradoxalmente, a ciência que persegue objetivamente um conhecimento sistemático e seguro dos fatos, está continuamente por se fazer e só a existência de um método garante o controle ordenado do Universo, uma vez que os fenômenos são tratados por raciocínios que seguem, aproximadamente, os mesmos princípios de objetividade e testabilidade. É, no entanto, a própria objetividade que impõe o estado sempre provisório de todo o conhecimento.

Mesmo com os riscos de feitiçaria, por razões éticas, não podemos aceitar a ciência pela ciência<sup>2</sup>, pois se o homem busca através do raciocínio organizar de alguma forma os fenômenos do Universo, há de ser para dominá-los, para conhecer-lhes as regras e assim orientar sua relação com e no Universo.

Identificar algo como objetivo de pesquisa não é das coisas mais difíceis. A dificuldade maior reside em manter coerentemente um tratamento metodológico rigoroso. Daí que freqüentemente o comportamento científico acaba sendo confundido com o rigor metodológico, em detrimento da importância do objeto, do tema e do próprio conhecimento produzido a partir da pesquisa\*

Longe de nós tentar colocar em dúvida a importância do método. O que julgamos indispensável, no

\* "O 'método' procura explicar o seu objeto, quer ser o 'caminho' de descoberta do seu 'objeto', mas. . . já é hora de pensar num 'método' que leve em conta o seu 'fracasso metodológico' como momento necessário ao seu próprio êxito". — KOTHE, Flávio R. Caminhos e descaminhos da crítica; encontro marcado com Heidegger. Reflexão, Campinas, 4(15) -71, sat./dez., 1979.

entanto, é aliar o rigor metodológico a uma avaliação da relevância da pesquisa, pois questões de total irrelevância, como conhecer a cor da camisa dos universitários brasileiros em dia de prova, pode receber tratamento rigoroso.

"... o ponto inicial de uma pesquisa não pode e não deve ser a metodologia, mas antes a relevância do problema".<sup>3</sup>

Assim, antes de qualquer coisa, torna-se necessário decidir sobre os problemas que devem ser pesquisados e é preciso observar que essa capacidade de discriminar entre o relevante e o irrelevante não nos vem da ciência. Esta "só nos pode oferecer métodos para explorar, organizar, explicar e testar problemas previamente escolhidos"<sup>2</sup>.

A escolha prévia do problema depende do pesquisador. É em função de seus valores, de sua relação com o universo que nascem seus temas de pesquisa. Isso é que faz do ato de pesquisa um ato político.

E no caso específico da pesquisa acadêmica, como se passam as coisas?

Uma tese de doutorado assim se define por ser volumosa, ou por ter algumas qualidades inerentes à pesquisa científica?

Temos visto com freqüência que um mesmo tipo de pesquisa serve a mestrado ou doutorado. E a diferença está, muitas vezes, no volume de dados analisados.

Não podemos concordar com critérios apenas de volume. Na prática, o que ocorre é que há dissertações de mestrado com traços nítidos de uma tese e vice-versa, acorrentadas apenas por razões meramente formais da vida acadêmica.

Na verdade a tese de doutorado deve marcar o grande salto do principiante para a vida de pesquisador independente e, desta maneira o mestrado tem de ser tomado como um exercício que abarca desde a opção temática e o rigor metodológico, até o envolvimento pessoal em relação ao tema.

Trata-se, pois, de uma fase de iniciação à pesquisa, portanto, à vida científica. E partindo da definição mesma de mestrado, observamos, em linhas gerais, que os orientadores assumem posições diversas.

Para alguns, a dissertação de mestrado deve versar sobre assunto de interesse do orientador.

Normalmente ele responde por uma ou mais pesquisas, sendo possível escolher um aspecto sobre o qual se dedicará o mestrando.

Para outros, o mestrado, como fase de aprendizado, deve demonstrar segurança metodológica, sendo secundário o próprio tema. Desta forma, o aspecto básico a ser considerado é o cumprimento de determinadas etapas, supostamente indispensáveis ao trabalho científico.

Outros ainda, entendem que a dissertação já deve conter em germe a disposição do novo pesquisador para associar firmeza metodológica a uma ação criativa.

Evidentemente, é em decorrência da concepção do orientador que acontecem os temas e mesmo a forma do trabalho acadêmico, que vai desde os formatos calcados em modelos prévios, onde tudo é pré-determinado, até a uma liberdade total, marcada pela inserção dos componentes tidos como básicos — objetivos, metodologia, hipóteses — em situações fora dos modelos.

Vale lembrar que para decisões relativas à parte formal, o principiante dispõe de vários guias, de sorte a poder escolher aquela forma mais adequada a seu trabalho e a seu gosto pessoal.\*

Mas para decidir sobre o tema de pesquisa, a menos que o orientador forneça um assunto, o principiante não encontra nenhuma orientação específica.

Mas seria possível elaborar com certa precisão um roteiro que levasse à descoberta do tema?

Embora haja bons exemplos de trabalhos oriundos do desenvolvimento de parte de pesquisas do orientador.

\* Destacamos, entre vários trabalhos, os de:  
**ACOSTA HOYOS, Luís E.** Guia practica para la investigación y redacción de informes. 2. ed. Buenos Aires, Paidós, 1972.  
**ASTI VERA, Armando.** Metodologia da pesquisa científica. Porto Alegre, Globo, 1973. 223 p.  
**CASTRO, Cláudio de Moura.** Estrutura e apresentação de publicações científicas. São Paulo, Mc Graw-Hill, 1976.  
———A prática da pesquisa. São Paulo, Mc Graw-Hill, 1977.  
**MANZO, Abelardo J.** Manual para la preparación de monografías. Buenos Aires, Humanitas, 1973.  
**SEVERINO, Antônio Joaquim.** Metodologia do trabalho científico. 3. ed. São Paulo, Cortez e Moraes, 1978.  
**SPINA, Segismundo.** Normas gerais para os trabalhos de grau; breviário para o estudante de pós-graduação. São Paulo, Fernando Pessoa, 1974.

julgamos que a dissertação de mestrado deve propiciar algumas condições que posteriormente serão exigidas do pesquisador independente. Por isso vemos como salutar ao desenvolvimento da vida científica, que o mestrado sirva de exercício, de sorte a permitir experiência tanto a nível metodológico, quanto a nível de definição do tema, ou mesmo de validade de pesquisa.

Nossa concepção tem um pressuposto básico: qualquer pesquisa, em qualquer nível, exige do pesquisador um envolvimento tal, que seu objeto de investigação passa a fazer parte de sua vida. Ou o pesquisador assume o problema que se dispõe a aclarar como seu, integrando seu dia a dia, ou apenas cumprirá preceitos acadêmicos.

Mas aqui entram dois novos conceitos de difícil exploração: independência e criatividade.

Acreditamos que só é possível independência de pesquisa, na medida em que o pesquisador assume com liberdade seu objeto de análise e submete-o, por ensaio e erro, a uma verificação.

A criatividade, por seu turno, manifesta-se na escolha do tema (originalidade), ou na tradução do resultado da análise em linguagem verbal.

Mas tudo isso pouco nos ajuda a perceber como se chega ao tema de pesquisa.

Concordamos com Popper quando diz que "o conhecimento só começa a partir da tensão entre conhecimento e ignorância".<sup>4</sup> De fato, só este tipo de tensão permite a percepção de algo obscuro e justifica nossa iniciativa em tentar clarear.

Evidentemente aquilo que já se sabe, que já se conhece, não precisa ser pesquisado. Em contrapartida, nem tudo o que não se sabe deve ser pesquisado.

Em **A Prática da Pesquisa**<sup>5</sup>, C. de Moura Castro indica três fatores que devem se associar para que aconteça um trabalho de pesquisa: originalidade, importância (a que chamamos relevância) e viabilidade do tema.

Na verdade os três fatores estão de tal forma associados, que o prejuízo de um põe em risco a própria pesquisa.

**Originalidade** não se confunde com novidade, não decorre do fato accidental de ser nova ou inédita a pesquisa. Original é o que vai às origens, à essência das coisas<sup>6</sup>.

**Importância** liga-se à necessidade da pesquisa dar ou encaminhar uma resposta para determinada questão prática ou teórica do homem, da sociedade, da natureza. A **importância** como fator associado à pesquisa científica, ressalta claramente o caráter político da ciência. Não parece justo o pesquisador dedicar-se a um mero exercício inconseqüente.

**Viabilidade** refere-se ao tempo, aos custos, ao preparo específico do pesquisador, à obtenção de dados e bibliografia. A pesquisa inviável corresponde a enorme perda de tempo, tanto para o pesquisador, quanto para a sociedade.

Mas ainda estamos contornando o problema, sem chegar à questão básica: como nasce o tema de pesquisa?

Quando dissemos que tomávamos como pressuposto o envolvimento pessoal do pesquisador com sua pesquisa, tínhamos claro que acima de tudo é preciso gostar do que pesquisamos, já que durante longo tempo será nosso ser inteiro que irá se voltar para aquele objeto.

"É melhor começar, creio, lembrando aos principiantes que os pensadores mais admiráveis dentro da comunidade intelectual que escolheram não separam seu trabalho de suas vidas. Encaram a ambos demasiado a sério para permitir tal dissociação e desejam usar cada uma dessas coisas para o enriquecimento da outra. . . A erudição é uma escolha de como viver e ao mesmo tempo uma escolha de *carreira*; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma seu próprio eu à medida que se aproxima da perfeição de seu ofício".<sup>7</sup>

Com certeza poderíamos prosseguir com novas reflexões. No entanto a questão básica está em que não haverá receitas ou modelos para a criação humana, sob pena de ser decretada a sua morte.

Não existe ainda, e é pouco provável que venha a existir, um método que permita a reconstrução lógica do nascimento de novas idéias. Desta forma, o nascimento do tema de pesquisa é um trabalho artesanal de criação que exige do pesquisador a descoberta de seus valores pessoais, um posicionamento crítico e inquieto diante do Universo e uma disciplina de trabalho que permita equacionar valores pessoais com o objeto e o ato da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- <sup>1</sup> NAGEL, E. Ciência: natureza e objetivo. In: MORGENBESSER, S. **Filosofia da Ciência**. São Paulo, Cultrix, 1971.
- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1981. p. 69.
- . p. 67.
- <sup>4</sup> POPPER, K. **A lógica das Ciências Sociais**. Rio, Tempo Brasileiro, 1978. p. 14.
- <sup>5</sup> CASTRO, Cláudio de Moura. **A prática da pesquisa**. São Paulo, Mc Graw Hill, 1977. p. 5.
- <sup>6</sup> GOMES, R. **Crítica da razão tupiniquim**. 4. ed. São Paulo, Cortez, 1980. p. 24.
- <sup>7</sup> MILLS, W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar. 1980. p. 211.

ABSTRACT

The choice of a research topic depends on the researcher's own values, it depends on the relationship he keeps with his environment. At any level, a research project requires independence, creativity, and integration of the research topic with the researcher's day-to-day life. Research Guides can help only with the development of the formal part of a research project. But one does not find, and probably never will find, a method that leads to the logical rebuilding of new ideas.